

As relações internacionais no Cone Sul à época do primeiro centenário da Independência na Argetina

The International Relations in Cone Sul in the first centenary of Argentina Independence.

GERSON G. LEDEZMA MENESES*

Rev. Bras. Polít. Int. 49 (1): 159-178 [2006]

Introdução

Os países do Cone Sul ofereceram ao mundo uma grande festa para comemorar cem anos de Independência, numa época de intranqüilidade, de decadência da liderança inglesa e de ascensão da hegemonia norte-americana.¹ Neste artigo mostraremos como as elites de Buenos Aires comemoraram cem anos de Independência em 1910: aproveitaram a festa para colocar em andamento suas alianças com Europa, Estados Unidos e Chile, e fortaleceram as rivalidades com países que consideravam um perigo constante, como Brasil e outros que, embora não perigosos, se apresentavam enigmáticos; projetaram a imagem de país forte ligado à “raça ibérica”, num tipo de relações internacionais pragmáticas; estreitaram as relações com os vizinhos chilenos e com a Espanha, considerada a “mãe pátria” e tentaram, na sua política interna, esconder os graves problemas com os socialistas e anarquistas. Sendo assim, as *forças profundas* veicularam esse tipo de relações internacionais. Os argentinos queriam ver confirmada a imagem de potência do Cone Sul pela Europa e pelos Estados Unidos e ante seu rival de sempre, o Brasil. Isto se entende na medida que compreendemos que a função da imagem é a de simplificar e facilitar a comunicação, forjando mitos e construindo identidades, legitimando as causas das ações, exorcizando medos e fantasmas no domínio das relações internacionais,

* Professor de História da América do Departamento de História da Universidade Federal do Ceará – UFCE. Mestre em História Andina pela *Universidad del Valle*, Cali, Colômbia, e Doutor em História pela Universidade de Brasília – UnB (gersonledezma@yahoo.com).

¹ Este artigo é extensivamente baseado na tese de doutorado do autor, intitulada *Festa e forças profundas na comemoração do Primeiro Centenário da Independência na América Latina (estudos comparativos entre Colômbia, Brasil, Chile e Argentina)*, apresentada ao programa de pós-graduação em História da Universidade de Brasília, em 2000.

para criar a imagem de si, na imagem dos outros². Essa imagem de potência socioeconômica e política, seguramente valeu no momento de decidir, quatro anos depois da festa, pela neutralidade da Argentina na Grande Guerra.

A rivalidade entre a Argentina e o Chile

Grande parte da historiografia chilena sobre o problema das fronteiras deste país sempre tenta justificar seu expansionismo durante o século XIX, alegando que os limites que deram origem ao *uti possidetis juri* de 1810 estavam assentados desde o século XVI, quando a Coroa espanhola cedeu, mediante Capitulações, diferentes franjas do futuro território chileno em forma de Governanças a vários conquistadores e colonizadores. Desta maneira, as fronteiras, base do *uti possidetis*, estariam determinadas, ao norte, pelo paralelo 27 e, ao sul, pelo pólo. Em 1563, este alegado território chileno foi despojado da província de Tucumán e, na criação do Vice-Reinado do Rio da Prata em 1776, também foi privado da província de Cuyo. O limite norte do Chile incluía ao fim do século XVIII o Deserto de Atacama, desconhecendo assim uma antiga Real Cédula que atribuía tal região ao Vice-Reino do Peru³.

Se bem que a Argentina e o Chile encontraram no *uti possidetis juri* de 1810 a base da definição de suas fronteiras, a disputa pela hegemonia no extremo Sul e pelo controle do Estreito de Magalhães e da Patagônia era inevitável. Em 1856 os dois países assinaram um Tratado de Comércio e neste concordaram não provocar um confronto pelos limites ainda não reconhecidos entre si; em caso de não se concluir acordo algum, submeteriam o *diferendum* a arbitragem internacional. O problema residia em que cada país interpretava o *uti possidetis* de 1810 à sua maneira e de acordo com seus interesses. Em 1865, o governo do Chile encaminhou uma comissão à Argentina para aclarar os limites no sul. José Victoriano Lastarria, um dos negociadores,

propuso como transacción al gobierno del Plata fijar como frontera, desde el norte hasta el grado 50, las ramas exteriores orientales de la Cordillera de los Andes. Desde dicho paralelo el límite sería una línea recta que llegaría hasta la bahía Gregorio en el Estrecho de Magallanes. Los territorios al oriente de dicha línea serían de la Argentina y los del poniente de Chile. En el Estrecho Chile tendría dominio desde la boca occidental hasta la bahía Gregorio, inclusive, y así mismo sobre la Tierra del Fuego, y la Argentina sería soberana desde la citada bahía hasta el Atlántico⁴.

Este acordo foi desconhecido pela chancelaria chilena: o país não poderia renunciar ao domínio de todo o Estreito. Nesta época em que o Chile dirigia-se

² “Images et imaginaire dans les relations internationales depuis 1938: problèmes et méthodes. In : FRANK, Robert (org.). *Les Cahiers de l’Institut d’Histoire du Temps Présent*, 28. Paris : IHTP, Juin, 1994. Ver ainda VIOTTI, Paul R. & KAUPPI, Mark V. *International Relations Theory*. New York: 1994, cap. I, “Theory, Images, and International Relations: an Introduction”, p. 1-19.

³ EYZAGUIRRE, Jaime. *Historia de las instituciones políticas y sociales de Chile*. Santiago: Universitaria, 1997.

⁴ EYZAGUIRRE, Jaime. *Breve historia de las fronteras de Chile*. Santiago de Chile: Universitaria, 1968, p. 80.

ao norte para lutar pelo território de Atacama e do deserto em geral, a Argentina, sob o comando do general Julio A. Roca iniciava suas campanhas para tomar dos indígenas o deserto. Nestas guerras, os dois países demonstraram seu equilíbrio de forças, que os faria chegar a um acordo em 1881. Segundo o novo tratado, os limites passariam pelos Andes, usando como linha demarcatória as partes mais elevadas da cordilheira. Ainda que este novo tratado colocasse fim aos problemas limítrofes mais candentes, os dois países não ficaram satisfeitos por terem perdido saídas para ambos os oceanos. O governo argentino achava que, tendo aceitado que a linha demarcatória fosse os pontos mais altos dos Andes, poderia aproximar-se assim do Pacífico. Equação que o governo chileno não aceitava, alegando que, havendo rios que nasciam a leste destes altos cumes e que depois cortavam os Andes para desembocar no Pacífico, isto permitiria à Argentina ter livre acesso ao Pacífico. O Chile argumentava que a demarcação devia ajustar-se ao *divortium aquarum*, passando a fronteira, não pelas eminências absolutas, mas por aquelas alturas que dividiam águas⁵. Esta situação seria motivo de confronto entre os dois países, chegando às portas da guerra⁶.

Com a intermediação britânica, em 1902 assinaram-se os Pactos de Mayo. Nestes, finalmente, ambos países renunciaram ao acesso a dois oceanos, passando este momento a ser lembrado pela historiografia chilena como o *Abrazo del Estrecho*, entre Roca e Errázuriz. Mas este gesto “*sólo había cubierto con una delgada capa de cenizas una hoguera que aún tenía un grueso haz de combustible mal apagado*”⁷. Ficava ainda por resolver outro problema ligado ao canal do Beagle, que a partir de 1904 levou os dois países a novas disputas. Neste sentido, buscou aliados que, em caso de guerra, pudessem socorrê-lo na defesa de sua hegemonia sobre o Pacífico Sul. Para a Conferência Pan-americana realizada no México entre 1901 e 1902, o Chile mandou como representante um diplomata que sabia muito bem das tensões em que os países americanos estavam envolvidos. Joaquín Walker Martínez foi claro quando afirmou que a situação de seu país não era ruim, mas que não havia encontrado o apoio que esperava:

*Guatemala nos es adversa; Paraguay hostil; Uruguai batiendo siempre contra nosotros; el Brasil representado por un viejo bastante torpe, que no es ni ha sido diplomático, levantando en todas partes su bandera de arbitraje obligatorio; Argentina, Perú y Bolivia unidos como una tabla para cruzarnos el camino donde y como pueden; Colombia con un delegado amigo y otro enemigo; Venezuela reservadísima. Amigos francos sólo el Ecuador y las cuatro pequeñas repúblicas de Centro América!...*⁸

⁵ *Ibidem*, p. 82-87.

⁶ CASTEDO, Leopoldo. *Resumen de la Historia de Chile, 1891-1925*. Tomo IV. Santiago: Zig-Zag, 1982, p. 371.

⁷ Francisco A. Encina, citado por CASTEDO, Leopoldo. *Op. cit.*, p. 311.

⁸ OTERO, Delia del Pilar. El sistema de arbitraje y las disputas regionales latinoamericanas en la Conferencia Interamericana de México (1901-1902). In CERVO, Amado Luiz & DÖPCKE, Wolfgang. *Relações internacionais dos países americanos. Vertentes da História*. Brasília: Ed. da UnB, 1994, pp. 221-229.

Como o problema com a Argentina ainda não tivera solução total, e como ainda era possível uma guerra pela fronteira na Patagônia, os chilenos buscaram aliados entre países que tinham problemas com seus inimigos. Chile buscou estreitar as suas relações comerciais com seu parceiro antigo, a Inglaterra, e com Japão, vitorioso na guerra contra a Rússia, para manter suas posições no Pacífico diante do poderio dos Estados Unidos⁹. Torna-se compreensível assim porque a efeméride do Centenário da Independência apresentou-se como uma excelente oportunidade para que fosse resolvido de maneira amistosa o confronto limítrofe entre o Chile e a Argentina. Os dois países tinham uma história compartilhada; juntos haviam forjado vários lugares de memória que em 1910 facilitariam a invenção de uma tradição de amizade. Na festa comemorativa, falar-se-ia da antiga amizade, passando por cima das velhas rivalidades. No entanto, a diplomacia argentina não aproveitou a festa para estabelecer também boas relações com o Brasil.

Rivalidade entre a Argentina e o Brasil

No centenário argentino, o Brasil passou totalmente despercebido. Talvez porque adquirira no ano anterior dois grandes encouraçados, o *São Paulo* e o *Minas Gerais*, incentivando as suspeitas de um possível confronto direto com a Argentina. Argentina e Brasil não comemoraram, naquele momento, uma história compartilhada. Os diplomatas sabiam que aquela grande rivalidade não poderia apagar-se numa festa. Temores e ressentimentos, mal fundados ou verdadeiros, persistiam entre os representantes de várias esferas de poder dos dois países. Na historiografia da América Latina do século XIX, desde as perspectivas analíticas das Relações Internacionais, o Brasil desponta como aquela potência do Cone Sul que, obedecendo aos desejos das elites imperiais, lutou incansavelmente pela hegemonia e pela livre navegação do Prata, em constante confronto com a Argentina; nesse movimento arrastou consigo o Paraguai e o Uruguai, considerados como tampões entre os dois países¹⁰. Demétrio Magnoli interpretou a política do Império Brasileiro a partir do imaginário geográfico. Herdeiro do passado luso-americano, o Império tratou, por todos os meios disponíveis, de dar forma à idéia da Ilha Brasil, incorporando todos aqueles

⁹ BERNAL –MEZA, Raúl. Chile entre Gran Bretaña y Estados Unidos: evolución histórica de sus relaciones. *Ciclos*, año VI, vol. VI, n° 10, 1996, p. 119-160.

¹⁰ MONIZ BANDEIRA, L. A., *O Expansionismo brasileiro e a formação dos Estados na Bacia do Prata. Argentina, Uruguai e Paraguai – da colonização à guerra da Tríplice Aliança*. Brasília: Ed. da UnB/Ensaio, 1995; JOCHIMS REICHEL, Heloisa & GUTFREIND, Ieda. *Fronteiras e Guerras no Prata*. São Paulo: Atual, 1995; MONTEOLIVA DORATIOTO, Francisco F. *A Guerra do Paraguai*. São Paulo: Brasiliense, 1991; *As Relações entre o Império do Brasil e a República do Paraguai, (1822-1889)*. Brasília: UnB, Dissertação de Mestrado, Departamento de História, 1989; *As Relações entre o Brasil e o Paraguai (1889-1930): Do afastamento pragmático à reaproximação cautelosa*. Brasília: UnB, Tese de Doutorado, Departamento de História, 1998; CERVO, Amado Luiz & RAPOPORT, Mario (orgs.). *História do Cone Sul*. Brasília: Rio de Janeiro; Ed. da UnB: Revan, 1998.

territórios que ficariam encerrados pelos rios Amazonas, Madeira, Guaporé, Paraguai, Paraná e Prata. Neste projeto esgotaram-se muitas forças, sobretudo na guerra contra o Paraguai. Outro grande esforço do Império e logo da República centrou-se na incorporação do Acre ao *corpo da pátria*. Diante do risco de perder parte do território, que correspondia à imagem herdada da colônia, o Brasil não permitiu que nenhuma potência estrangeira navegasse pelo Amazonas. Outros governos interpelaram o Brasil por esta atitude contraditória, já que este exigia da Argentina a abertura do rio da Prata¹¹.

Na história das relações internacionais, o imaginário é sem dúvida uma das *forças profundas* apontadas por Pierre Renouvin¹². Jean Baptiste Duroselle enfatiza a importância da opinião pública, do nacionalismo, dos grupos de pressão e da personalidade dos homens de Estado.¹³ Amado Luiz Cervo, estudando as relações externas do Brasil, considera o comportamento psicossocial: estados de ânimo como o pacifismo brasileiro “que conta com o apoio de fatores socio culturais, tais como a satisfação com o território e a abundância de recursos naturais, a heterogeneidade cultural, a tolerância social, a tranquilidade diante dos vizinhos”¹⁴. Categorias que, sem dúvida, nortearam o relacionamento entre os países que, em 1910 e 1922, comemoraram o Primeiro Centenário da Independência. As relações entre a Argentina e o Brasil após o término da guerra contra o Paraguai (1865-1870) tiveram no relacionamento com o país vencido um foco inicial de divergências. A Argentina reivindicava já durante a guerra o Grande Chaco; o Brasil tratou de evitar essa conquista que dobraria a extensão da sua fronteira com a Argentina, e para isto entendeu-se unilateralmente com o Paraguai já em 1872, definindo a sua fronteira pelo rio Apa. Três anos depois, a questão do Chaco foi submetida à arbitragem dos Estados Unidos que o declarou território paraguaio.

Entretanto, as tensões continuavam, alimentando a possibilidade de uma guerra frontal entre os dois países. Bartolomé Mitre iniciara um processo de modernização das forças armadas argentinas antes mesmo da Guerra da Tríplice Aliança. Nas Campanhas do Deserto contra os índios dos pampas e da Patagônia, a Argentina aumentou sua capacidade militar, criando novas escolas militares para capacitação de especialistas, e fazendo bons avanços na reestruturação do Exército. Em 1884 agregou-se uma seção de Engenharia ao Estado Maior, que

¹¹ MAGNOLI, Demétrio. *O Corpo da Pátria. Imaginação geográfica e política externa no Brasil (1808-1912)*. São Paulo: Unesp/Moderna, 1997.

¹² RENOUVIN, Pierre. *Historia de las Relaciones Internacionales*. Madrid: Taurus, 1964.

¹³ DUROSELLE, J. B., *Tout Empire Pévira. Théorie des Relations Internationales*. Paris: Armand Colin Éditeur, 1992; *A Europa de 1815 aos nossos dias*. São Paulo: Pioneira, 1985. RENOUVIN, Pierre & DUROSELLE, J. B., *Introdução à História das Relações Internacionais*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1964.

¹⁴ CERVO, Amado Luiz. Relações Internacionais do Brasil. In CERVO, Amado Luiz (org). *O Desafio Internacional*. Brasília: Ed. da UnB, 1994, p. 26; Estados Unidos, Brasil e Argentina nos dois últimos séculos. In: CERVO, Amado Luiz & DÖPCKE, Wolfgang (orgs). *Relações Internacionais dos países americanos*. Vertentes da História, *Op. cit.*, p. 358-367.

logo se tornou uma Escola de Engenharia Militar; um ano antes fora inaugurada uma nova fábrica de pólvora. Anteriormente, já em 1872, Sarmiento havia criado uma Escola Naval e na mesma década a Armada argentina consolidara a sua frota com aquisições na Europa, especialmente na Inglaterra, país que deu apoio logístico à Campanha do Deserto¹⁵. A inquietação no Brasil aumentou grandemente quando, sob a presidência do general Roca, em 1880, estreitaram-se as relações com a Alemanha que, tal como a Argentina, vinha dando grandes passos na construção do Estado nacional. A Alemanha estendeu sua influência financeira na Argentina, concentrando investimentos nas áreas de eletricidade, navegação, petróleo e seguros¹⁶. Em 1882, as tensões chegavam a tamanha exasperação que o presidente Julio A. Roca considerou inevitável a guerra com o Brasil, uma “guerra fatal” porque os dois países apresentavam “contraposição de interesses” e “choque de civilizações”.¹⁷ O imperador D. Pedro II e o presidente Julio A. Roca fizeram o possível para eliminar esta ameaça de guerra; finalmente, “ambos os parlamentos, sem dúvida, contribuíram com sua reflexão e palavra, para fechar de forma civilizada um ciclo de tensão e esfriamento que caracterizou as relações bilaterais entre Brasil e Argentina, no final do Império”¹⁸.

A diplomacia brasileira preocupava-se com a possibilidade de que a Alemanha, interessada em arrendar terras no Acre boliviano, viesse a impedir a conquista daquele território. Por outro lado, imigrantes alemães, desde 1898, compravam terras ao norte da Argentina, onde a influência da Alemanha na área industrial e bancária crescia vertiginosamente. Esta preocupação cresceu quando a Argentina passou a contratar assessores militares, a comprar armas e munições e a enviar contingentes de militares para capacitação na Alemanha¹⁹. A Alemanha e a França fomentavam a disputa entre os dois países para favorecer suas exportações. O armamentismo e as desconfianças recíprocas não impediram, no entanto, que em setembro de 1889, poucos antes da queda do regime imperial brasileiro, o Brasil e a Argentina remetessem o dissídio fronteiriço das Missões (ou Palmas) à arbitragem do presidente dos Estados Unidos²⁰. A república

¹⁵ ORTIZ, Eduardo L. Ciencia, enseñanza superior y fuerzas armadas, 1850-1950. *Ciclos*, año IV, vol. IV, n° 6, 1994, p. 10-11.

¹⁶ LLAIRO, María de Monserrat & SIEPE, Raimundo. Las Relaciones Argentino-Alemanas y la política exterior del Estado-Nación argentino entre 1880 y 1914. In: CERVO, Amado Luiz & DÓPCKE, Wolfgang (orgs.). *Relações Internacionais dos países americanos. Vertentes da História*, *Op. Cit.*, p. 92-102.

¹⁷ MONIZ BANDEIRA, L. A. As relações regionais no Cone Sul: iniciativas de integração. In: CERVO, Amado Luiz & RAPOPORT, Mario (orgs.). *História do Cone Sul*. *Op. cit.*, p. 290-333.

¹⁸ CERVO, Amado Luiz. *O Parlamento Brasileiro e as Relações Exteriores (1826-1889)*. Brasília: Ed. da UnB, 1981, p. 122-132.

¹⁹ LLAIRO, María de Monserrat & SIEPE, Raimundo, “Las Relaciones Argentino-Alemanas y la política exterior del Estado-Nación argentino entre 1880 y 1914”. *Op. cit.*, p. 100.

²⁰ MONIZ BANDEIRA, L. A. As relações regionais no Cone Sul: iniciativas de integração. In: CERVO, Amado Luiz & RAPOPORT, Mario (orgs.). *História do Cone Sul*, *Op. cit.*, p. 298; Adelar Heinsfeld A geopolítica nas relações Brasil x Argentina. A questão de Palmas. In: MENEZES, Albene Miriam F., LUBISCO BRANCATO, Sandra Maria *et. al.* *Estados Americanos: Relações Continentais e Intercontinentais. Anais do II Simpósio Internacional de Relações Internacionais*. Passo Fundo: Ediunpf, 1997, p. 199-206.

brasileira, nos momentos iniciais, “nor-teou-se por temas herdados do período monárquico. O objetivo de conter a influência argentina no país guarani, eixo central da diplomacia imperial, manteve-se e, aliás, exacerbou-se, a ponto de chegar-se a uma intervenção direta na política paraguaia ao se incentivar, em 1894, o golpe contra o presidente González”²¹. Passada a euforia e manifestações de solidariedade dos países da América pela adesão do Brasil ao sistema republicano, este se viu preocupado, novamente, com o armamentismo da Argentina. O ministro das Relações Exteriores, Olinto de Magalhães, considerou que era urgente, para o Brasil, armar-se, em vista da guerra que certamente viria a ocorrer entre a Argentina e o Chile.

Tal necessidade levou o Brasil a declinar do convite para participar da conferência sobre o desarmamento, realizada em 1899 em Haia, convocada por iniciativa do Czar Nicolau II (...). Não poderia comparecer para evitar comprometer-se com desarmamento no momento em que duas das maiores nações do segmento sul do continente, bem armadas, não eram tolhidas por igual compromisso²².

A Argentina, mais preocupada com seu litígio de fronteira na Patagônia, estava ampliando seu arsenal de guerra para esse possível confronto aberto com o Chile, esquecendo provisoriamente sua rivalidade com o Brasil. Em 1901 a guerra quase explodiu, até que os Pactos de Mayo, em novembro de 1902, congelaram as compras navais dos dois países, estabelecendo um clima de paz entre ambos. Paz aparente, pois justamente nesses anos (1901-1902), o Chile buscava aliados na Conferência Interamericana do México, para o caso de guerra com seu vizinho. A possibilidade de guerra contra o Chile era, portanto, o principal motivo da modernização das forças armadas argentinas.

Enquanto isso, o Brasil estava quase desarmado, com sua Marinha de Guerra reduzida a proporções mínimas, devido aos distúrbios políticos ocorridos durante a ‘República das Espadas’. O Exército, por sua vez, na prática não existia, sendo composto por soldados analfabetos e ‘boças’, incapazes de entender o conceito de disciplina, exceto por meio de punições violentas²³.

Em 1906, tendo falecido o presidente Manuel Quintana, o vice-presidente José Figueroa Alcorta nomeou para o Ministério das Relações Exteriores um homem de temperamento feroso, Estanislao Zeballos. Este observou, em primeiro lugar, as relações do Brasil com os Estados Unidos. Zeballos julgava

²¹ MONTEOLIVA DORATIOTO, Francisco Fernando. *Do afastamento pragmático à reaproximação cautelosa*. Brasília: UnB, Tese de Doutorado, Departamento de História, 1998. *Op. cit.*, p. 119.

²² BUENO, Clodoaldo. Idealismo e rivalidade na política externa brasileira da República: as relações com a Argentina (1889-1902). In: MENEZES, Albene Miriam F. & LUBISCO BRANCATO, Sandra Maria (orgs.). *Anais do Simpósio O Cone Sul no Contexto Internacional*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995, p. 41-46.

²³ DORATIOTO, Francisco. As Relações entre o Brasil e o Paraguai (1889-1930): Do afastamento pragmático à reaproximação cautelosa. *Op. cit.*, p. 134-135.

que os Estados Unidos apoiavam o Brasil na sua política expansionista. Nesse momento as relações da Argentina com os Estados Unidos não eram boas; complicaram-se as relações com o Brasil, porque o barão do Rio Branco e Estanislao Zeballos eram velhos desafetos. Em 1906 realizou-se no Rio de Janeiro a Terceira Conferência Pan-americana. Nesta, as rivalidades argentino-americanas não deixaram prosperar a conferência. Os dois países estavam livrando a “primeira guerra da carne”, que durou de 1902 a 1911. Durante este período, tornou-se clara a disputa entre os frigoríficos de capital norte-americano e os de capital anglo-argentino²⁴. Enquanto isto, as autoridades brasileiras homenageavam os americanos. Se a Argentina cultivava amizade com a Alemanha, o Brasil demonstrava sua aliança preferencial com os Estados Unidos. A diplomacia argentina não poupou esforços para ganhar aliados entre os vizinhos, convenceu o Executivo a comprar mais armas, e ofereceu-se para mediar a disputa do Chaco entre a Bolívia e o Paraguai. O rearmamento brasileiro obedeceria, desde 1905, ao objetivo de superar a Argentina, sem fins agressivos, mas como medida cautelar²⁵.

Assim, os anos que antecederam o Centenário da Independência estiveram envolvidos neste clima de tensão; qualquer movimento militar, numa ou noutra direção, era tomado como uma nova ameaça alimentando o sensacionalismo da imprensa. O chanceler Estanislao Zeballos imaginou-se rodeado de inimigos; via o Brasil buscando isolar a Argentina, com apoio dos Estados Unidos, e atuando ainda junto ao Chile, ao Uruguai, à Bolívia e ao Paraguai. Com todos estes precedentes, os organizadores da comemoração do Centenário da Independência da Argentina dedicaram ao Chile e ao Brasil, seus dois rivais mais poderosos, um tratamento nitidamente diferenciado. Frente às possibilidades de guerra com o Brasil, e devido à rivalidade com os Estados Unidos por motivos econômicos e geopolíticos, a Argentina voltou toda a sua atenção à infanta Isabel de Borbón, representante da cultura hispânica. As pazes entre Argentina e Chile anunciavam a união hispano-americana como estratégia para enfrentar o perigo anglo-saxão representado pelos Estados Unidos.

Os convidados

“A Espanha enviará um príncipe – assegurava com orgulho *La Razón* – a Inglaterra, um ministro da Coroa; Itália e França, o mesmo; a Alemanha e a Áustria tampouco serão menos e assim todas até chegar às repúblicas sul-americanas”²⁶. Note-se o orgulho que para os argentinos representava a presença

²⁴ CÁRDENAS, Eduardo J. & PAYA, Carlos M. *En camino a la democracia política, 1904-1910*. Buenos Aires:

La Bastilla, 1980, p. 316. In: Félix Luna (org.). *Memorial de la Patria* (Coletânea).

²⁵ DORATIOTO, Francisco. *Op. cit.*, p. 202-203.

²⁶ *La Razón*, Buenos Aires, 15.1.1910.

de membros da realeza; mas a Espanha não mandou um príncipe, e sim uma robusta infanta, Isabel de Borbón, irmã de Alfonso XII e tia do rei Alfonso XIII; a Inglaterra, em luto oficial pela morte do rei Eduardo VII, a 6 de maio, não enviou nenhum representante, mesmo sabendo que esta ausência favoreceria os interesses dos Estados Unidos e da Alemanha. A festa do centenário na Argentina sugere, por esta circunstância casual, a decadência que se avizinhava sobre o Reino Unido. Os Estados Unidos efetivamente ocupariam o espaço deixado pela sua ausência nas festas argentina e chilena, preparando-se desde bem cedo. O ministro da Marinha designou os barcos que representariam os Estados Unidos nos festejos; a divisão naval estaria composta pelos quatro couraçados mais poderosos que jamais haviam passado pelo Rio da Prata. Os Estados Unidos iriam medir forças com a Inglaterra, seu principal rival, aliado da Argentina na “guerra da carne” mas, enquanto isto, o rei Eduardo morreu. Na mesma edição, *La Prensa* dava a conhecer que o governo do Chile estava preparando os couraçados *O’Higgins* e *Esmeralda* para desfilar no rio da Prata²⁷.

Não viriam apenas delegações diplomáticas a Buenos Aires: também políticos, arqueólogos, historiadores, médicos, advogados, literatos, dramaturgos e artistas em geral, como Jacinto Benavente, dramaturgo espanhol, Prêmio Nobel de 1922; Vicente Blasco Ibáñez, novelista espanhol; Anatole France, membro da Academia de Letras da França, Prêmio Nobel de 1921; Jean Jaurès, político francês, filósofo, deputado, literato e historiador, teórico do socialismo que morreria em 1914 assassinado por um fanático; Ramón del Valle Inclán, escritor espanhol, considerado o mais notável romancista da época; George Clemenceau, grande estadista francês, apelidado *El Tigre*, deputado, senador, primeiro ministro, que dirigiria o seu país durante a Guerra Mundial; o advogado italiano Enrico Ferri e outros²⁸.

Inventando a amizade

No discurso comemorativo das festas do Centenário, tanto na Argentina quanto no Chile, sempre se falou de uma velha amizade entre os dois países, embora a verdade fosse outra. A recepção feita ao presidente chileno Pedro Montt em Buenos Aires não deixava dúvida de que as duas nações seriam verdadeiras irmãs. As “tradições inventadas” são conjuntos de práticas de natureza ritual ou simbólica, visando inculcar valores e normas de comportamento pela repetição, implicando uma continuidade com o passado²⁹. Se não existia uma relação de amizade entre o Chile e a Argentina, era, no entanto possível buscar

²⁷ *La Prensa*, Buenos Aires, 5.1.1910.

²⁸ PUEYRREDÓN, Victoria, *Visitas ilustres*. In: PAGGI, Raúl (ed.). *Nuestro Siglo. Historia Gráfica de la Argentina Contemporánea*. Buenos Aires: La Fontana, 1980, p. 72.

²⁹ HOBBSAWM, Eric & RANGER, Terence. *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 9.

esse antigo relacionamento nas guerras de independência, quando San Martín partiu para o Chile, atravessando os Andes, para ajudar a libertá-lo dos exércitos realistas. Nesta retomada de uma relação essencial no passado, não havia necessariamente que se reviver situações mais recentes, porque nestas apenas havia rivalidade; o “Abrazo del Estrecho”, 1902, não havia conseguido acalmar os ânimos, e a assinatura de um Tratado de Comércio entre os dois países, a partir de 1908, era apenas uma possibilidade. Da invenção, do ritual, da repetição, do simbólico, encarregaram-se as duas festas do Centenário da Independência³⁰.

No caso da Argentina e do Brasil, era-lhes difícil inventar uma amizade nesse momento da festa em Buenos Aires. Faltava-lhes uma ligação com o passado, faltavam-lhes os planos básicos com os quais se poderia armar de novo o prédio da amizade. Os dois países haviam sido aliados na guerra contra o Paraguai, mas este não era um tema cabível na comemoração. O presidente do Chile, Pedro Montt, embarcaria de trem a 18 de junho, com uma grande delegação, incluindo o Colégio Militar, que programou sua visita ao Colégio Militar Argentino para o dia 20; assim, desde já, inseriam-se no ritual, na repetição necessária à invenção das tradições. Na visita que as duas escolas militares fizeram ao túmulo do general San Martín, na Catedral Metropolitana, no dia 21, às 9 horas da manhã, começava a consolidar-se a nova tradição. Diante daquele lugar de memória irmanavam-se por um passado que passava a viver entre eles. “Toda tradição inventada, na medida do possível, utiliza a história como legitimadora das ações e como cimento da coesão grupal”³¹. O presidente chileno era o primeiro chefe de Estado que cruzava os Andes numa locomotiva. A 5 de abril ocorrera a inauguração oficial de uma ferrovia que, graças a um túnel transandino, unia Mendoza a Valparaíso³². O presidente viajou com sua esposa, detendo-se em vários lugares, recebendo homenagens tanto da população de seu país como das províncias argentinas.

Falar da história do Chile, sempre havia sido lembrar o seu isolamento colonial e republicano, de frente para o Oceano Pacífico e de costas para seu vizinho. Agora, justamente graças à festa, um pedaço do Chile se deslocava até a Argentina para ser conhecido e reconhecido. A imagem do Chile ir-se-ia espalhando nas mentes de seus, de agora em diante, “irmãos” argentinos. Agora que muitas pessoas, de diferentes províncias argentinas, haviam tido o prazer de conhecer pessoalmente o presidente chileno, era mais possível a consolidação daquela invenção amistosa. De agora em diante, o corpo diplomático e político deveria ter isto em mente ao costurar as relações com seu vizinho, tendo presente as simpatias que desde já havia conquistado o presidente Montt e a pressão

³⁰ O Chile comemorou o Primeiro Centenário da Independência a 18 de setembro de 1910.

³¹ HOBBSBAMM, Eric & RANGER, Terence. *Op. cit.*, p. 21.

³² *Caras y Caretas*, año XIII, nº 602, Buenos Aires, 16.4.1910.

que, em caso de confronto entre as duas nações, a população poderia exercer. “As iniciativas dos estadistas são largamente determinadas por ‘forças profundas’, quer dizer, pela influência das massas”³³.

Já em Buenos Aires, na manhã de 23 de maio, a cerimônia de recepção, encabeçada pelo presidente Figueroa Alcorta, foi comparável àquela oferecida ao general Mitre em seu regresso da guerra do Paraguai e se realizou num palco erguido em Cangallo e Paseo de Julio, em plena zona portuária³⁴. O presidente Figueroa Alcorta caminhou até ali para recebê-lo e conduzi-lo até a Casa Rosada, sob os aplausos da multidão, acompanhados pela comitiva que seguia em luxuosos coches. Ao longo do trajeto encontravam-se diferentes regimentos argentinos que renderam homenagens aos dois presidentes. Às 11 horas, chegados à casa de governo, penetraram no *Salón Blanco*, recebidos com fortes aplausos dos presentes, e logo saíram ao balcão para contemplar o povo reunido, o que deu lugar a estrondosa aclamação³⁵. Aí estava a população para aclamar e abençoar a nova amizade, que permitia pensar de maneira tranqüila nas novas relações exteriores sem temor de uma guerra entre os dois países, que em nada os beneficiaria. Este momento de união entre os presidentes Figueroa Alcorta e Montt demonstrava que a passagem do cometa Halley, ao contrário do que se temera, não havia provocado guerra nem catástrofe alguma. “*El cometa había, pues, bendecido la semana de Mayo, la semana que se esperaba con tanta ansiedad y en que se lucirían el brillo y el status alcanzado por el país ese año de 1910. Y si el firmamento aprobaba, cómo no iban a estar orgullosos de su Patria los mismos argentinos?*”³⁶.

Ao cair a tarde, sob um maravilhoso céu azul refletido nas mansas águas do rio da Prata, à tarde, houve uma magnífica recepção em homenagem ao presidente chileno e sua comitiva, com assistência do corpo diplomático argentino; à noite, Figueroa Alcorta ofereceu ao presidente Montt um banquete na sua residência particular. Este, logo mais, ofereceu ao mandatário argentino um almoço a bordo do couraçado *O’Higgins*, herói da independência chilena que como San Martín, ajudaria a consolidar a nova amizade. Na homenagem da Universidade de Buenos Aires ao Centenário da Independência do Chile, que se realizou a 18 de setembro, o acadêmico Vicente C. Gallo lembraria as palavras ditas pelo presidente chileno a Figueroa Alcorta, a bordo do *O’Higgins*: “a missão destas duas repúblicas, fundada pelo gênio daqueles próceres e mantida durante um século inteiro com sacrifício e com nobres e elevados sentimentos, é o tesouro de paz e de fraternidade que devemos à nossa comum

³³ DUROSELLE, J. B. A Europa de 1815 aos nossos dias. *Op. cit.*, p. 133.

³⁴ PAGGI, Raúl (ed.). *Op. cit.*, p. 76.

³⁵ *La Prensa*, Buenos Aires, 24.5.1910.

³⁶ SÁENZ, Jimena, *Entre dos Centenários, 1910-1916*. Buenos Aires: La Bastilla, 1988. In: Félix Luna (org.), *Memorial de la Patria* (Coletânea), p. 13.

independência”³⁷. Ao entardecer do dia 26 de maio teve lugar a recepção à infanta Isabel e ao presidente chileno pelo Congresso Nacional, reunido em magna assembléia presidida pelos presidentes de ambas câmaras, presente o presidente argentino e numeroso séquito. Pronunciaram-se muitos discursos de senadores e deputados, terminando a reunião com um passeio pela recém-inaugurada praça do Congresso. A amizade inventada devia passar também pelos corpos diplomáticos e não apenas pelo Executivo e Legislativo; à noite teve lugar um banquete oferecido ao presidente do Chile pelo ministro das Relações Exteriores e Culto, futuro presidente argentino, Victorino de la Plaza, justamente a pessoa encarregada, de agora em diante, de se entender com o país vizinho sobre os problemas de limites.

As forças militares também se fizeram presentes. A amizade não era apenas propósito dos presidentes, ela deveria estar ligada às instituições militares que sempre foram decisivas, a amizade teria que ser unânime. Na inauguração do monumento aos exércitos da independência, na praça San Martín, o ministro da Guerra do Chile descerrou uma placa comemorativa, enquadrado pelos batalhões escolares da capital federal e das províncias que desfilaram com seus uniformes de gala diante da estátua do prócer da Independência, aos acordes das marchas de San Lorenzo e de Ituzaingó”³⁸. O desfile naval foi presenciado pelo presidente chileno desde a fragata *Sarmiento*, e por cerca de 15.000 pessoas, a bordo de vários navios que compunham a frota Mihanovich. Às 9 horas, a grande frota saiu, liderada pela *Sarmiento*, rumo ao porto de La Plata, onde os barcos de guerra estavam esperando. As canhoneiras argentinas dispararam as primeiras salvas e logo a *Sarmiento* começou a revista rodeando completamente a formação enquanto se ouviam salvas e os hinos dos países convidados. A revista naval durou várias horas, enchendo de entusiasmo a todos os presentes. Retornando, os barcos mantiveram-se inteiramente iluminados até o fim de sua permanência no porto de Buenos Aires³⁹.

Talvez algum comissionado brasileiro, observando aqueles 28 barcos de guerra, terá refletido sobre a rivalidade entre os dois países. A Argentina estava exibindo ritualmente o seu poder naval, seu arsenal de guerra. A tentativa do barão do Rio Branco de formalizar em 1908 um pacto entre a Argentina, Brasil e Chile, havia-se frustrado. Agora os dois antigos rivais estavam desfilando unidos, na *Sarmiento*, pelas águas sempre presentes nos sonhos da diplomacia brasileira. Agora esta diplomacia deveria reconhecer que o *corpo da pátria* não podia estender-se até o Rio da Prata. O representante do Brasil nas festas do centenário argentino guardaria, por acaso, a esperança de ver na revista naval os seus amigos norte-americanos, rivais da Inglaterra e um tanto da Argentina.

³⁷ *Commemoración del Centenario de Chile*. Universidad de Buenos Aires, Facultad de Derecho y Ciencias Sociales. Buenos Aires, Imprenta de Coni Hermanos, 1910, p. 27-28.

³⁸ Programa Oficial de las Fiestas del Primer Centenario de la Independencia, 1910, *op. cit.*

³⁹ SALAS, Horacio. *Op. cit.*, p. 128.

Mas, no afã por destacar-se entre os poderosos do mundo, os barcos de guerra dos Estados Unidos, tão cuidadosamente preparados para a ocasião, fundearam por motivos desconhecidos em Puerto Belgrano, perto de Bahía Blanca, não conseguindo chegar a tempo. O presidente Montt assistiu, das sacadas da Casa Rosada, a outras demonstrações de poder do seu anfitrião, em especial o desfile militar do dia 25, que reuniu 20.000 efetivos das Forças Armadas argentinas, junto às delegações vindas da França, Uruguai, Espanha, Itália, Japão, Chile, Alemanha, Holanda e Estados Unidos⁴⁰. O desfile passou pela Plaza de Mayo, Florida e Plaza de San Martín entre espessos cordões de um público entusiasmado. Após o desfile, ao entardecer, a multidão encheu de novo o Congresso, Florida e a Plaza de Mayo para ver a iluminação da cidade. Buenos Aires inteira se comprimia no centro e não se podia transitar por nenhuma rua⁴¹.

No dia 28 o presidente argentino despediu-se do colega chileno na Casa Rosada acompanhando-o até a estação ferroviária. A amizade estava inventada. Os anos de tensão por questões de fronteiras pareciam esquecidos. Não havia lugar para a lembrança de panfletos virulentos como *Por qué nos odia Chile* que Eduardo Biedma publicara em 1898, bem como de tantos preparativos e discursos belicosos de princípios do século. Quando o Congresso da República de Argentina decidira erigir um monumento a Bernardo O'Higgins, o presidente Montt havia declarado: "A melhor homenagem aos patriotas de 1810 será manter a fraternidade entre as nações às quais eles deram a liberdade"⁴².

A "raça ibérica" como ponto máximo da identidade argentina

Sem dúvida, a personalidade que, além do presidente chileno, mais se destacou na comemoração argentina foi a infanta Isabel de Borbón. Desfilou com sua figura nada esbelta, trajando-se como dama medieval, destacada em todas as celebrações e solenidades. Trazia um belo presente: um relógio, tão grande como ela, confeccionado em 1735, adornado com anjos de cobre e feito com as mais nobres madeiras, seguramente levadas das colônias americanas em tempos que a dádiva evocava⁴³. Cerca de 300 a 500 mil pessoas deslocaram-se ao porto para vê-la de perto, se é que isto era possível. Desde ali, passando por várias avenidas até a mansão onde foi hospedada a princesa, a multidão de gente era impressionante, como formigas, segundo expressão de *La Prensa*. Bandeiras argentinas e espanholas pendiam de todas as casas. O cerimonial diplomático esteve à altura da embaixada espanhola. O porto estava coberto por centenas de barcos de muitas nações e as flores caíam sobre os carros que passavam à frente da multidão. Os uniformes impecáveis e as armas reluzentes davam a sensação de um conto de fadas, mais do que de realidade, segundo o

⁴⁰ PAGGI, Raúl (ed.). *Op. cit.*, p. 76-77.

⁴¹ SÁENZ, Jimena, Miedo y festejos en el Centenario. *Todo es Historia*, nº 71, Buenos Aires: 1973.

⁴² SALAS, Horacio. *Op. cit.*, p. 117.

⁴³ O relógio pode ser visto na Biblioteca Reservada do Congresso Argentino em Buenos Aires.

jornal.⁴⁴ O grande séquito de damas encarregado de prestar as atenções necessárias a *doña* Isabel foi por ela qualificado como *la alta servidumbre*⁴⁵. Se não fosse pelo alto grau de carinho que conseguiu despertar entre as pessoas de diferente porte, a infanta poderia ter sido expulsa do país que, justamente neste ano, estava comemorando a sua independência brilhante, em palavras de Jimena Sáenz, de várias dessas *servidumbres* em relação à metrópole⁴⁶. Foi hospedada na mansão dos Bary, na Avenida Alvear.

*Amante de verbenas y romerías, era muy popular entre el pueblo madrileño, que la apodaba la Chata. En la historia argentina habría de ser – para siempre – La infanta, y así corearon su nombre cada vez que se la vio en público, o durante la manifestación que se reunió frente a su residencia para saludarla y vivarla*⁴⁷.

Nessa mesma tarde, foi homenageada pelo presidente Figueroa Alcorta na Casa Rosada, por outros muitos funcionários, assim como pela Igreja na pessoa do bispo Espinosa. Depois, saíram à sacada da casa de governo para que todos pudessem aclamar a infanta. Dona Isabel trouxe consigo toda seus servidores, desde dama de companhia, penteador, camareiras, cozinheiros, mordomo, chefe de mesa, de quarto, até o pessoal necessário para montar seu próprio escritório de correios. Revistas e jornais espanhóis veicularam as festas do centenário argentino graças às crônicas enviadas pela infanta. Segundo Horacio Salas, a infanta despertou simpatia por ser a única mulher visitante e de realeza, algo nunca dantes visto. “*Simbólicamente era el cierre definitivo de las heridas y resquemores que se arrastraban desde las guerras de independencia*”⁴⁸.

Além disto, era a representante da maior colônia estrangeira em terras argentinas. A infanta chegou justamente num momento da crise, de repressão aos seus conterrâneos; ela trazia, para milhares de espanhóis desterrados na qualidade de imigrantes, a imagem de mãe protetora. Estes imigrantes, principalmente espanhóis, aclamaram a infanta e seguramente realizaram, nas letras dos tangos, uma superposição entre o corpo de Isabel e o corpo das *percantas*, *paicas* o *pebetas*, mulheres mães, *las buenas mujeres* deixadas alémmar ou já falecidas. María Isabel Francisca de Asís y Borbón representava o arquétipo de mulher ideal, boa, fiel como aquela “mulher materna para a qual regressam os desejos da humanidade”⁴⁹. Sem embargo, a visita de um membro da realeza espanhola demonstrava aos imigrantes italianos, franceses, russos, judeus, etc., que as elites tradicionais do país tinham suas raízes na Europa e

⁴⁴ *La Prensa*, Buenos Aires, 19.5.1910.

⁴⁵ As damas eram Elisa Uriburu de Castell, Rosa H. de Elía, Dora de Bary de Cazón, Carmen Marcó del Pont de Rodríguez Larreta e a senhorita María Baudrix.

⁴⁶ SÁENZ, Jimena, Entre dos Centenários, 1910-1916. *Op. cit.*, p. 16.

⁴⁷ SALAS, Horacio, *Op. cit.*, p. 113.

⁴⁸ *Idem*, p. 116.

⁴⁹ DURAND, Gilbert, *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*. Lisboa: Presença, 1989, p. 163.

que pelo seu corpo corria sangue ibérico, não misturado com sangue indígena ou africano. O confronto nas guerras de independência fora apenas uma questão política que não desfizera a relação com a Espanha. Vinham sendo criados na Argentina, naqueles últimos anos, vários institutos de língua, de literatura, entre outros, de raiz espanhola. O *ALBUM historiográfico de Ciencias, Artes, Industria, Comercio, Ganadería y Agricultura, 1810-1910* dedicou 68 páginas ao engrandecimento da Mãe Pátria. Destacou várias regiões da Espanha, sua cultura, arte, economia, etc.⁵⁰ Um monumento em homenagem à Espanha foi autorizado pelo Parlamento em fevereiro de 1909, cuja inauguração apenas foi possível em 1936. O recém-reconstruído *Cabildo* exibiu de novo o escudo de armas da Espanha. A *Argentinidad* deveria estar enraizada nesse país; havia que demonstrar aos imigrantes que os sobrenomes tradicionais não se confundiam com outros de duvidosa procedência. Até há pouco anos a elite havia rejeitado o hispânico, preferindo o anglo-saxão, o francês e o cosmopolitismo, convocando imigrantes brancos. Não encontrando neles o grau de civilização idealizado, optavam agora por acentuar a cultura hispânica para distinguir-se deles. O ibérico era mais nobre que o índio ou que o branco com sabor a anarquismo. Se a infanta Isabel foi usada pelas elites argentinas para demonstrar sua argentinidade entrelaçada com os sobrenomes e estirpes espanholas, também estava sendo contraposta como representante da cultura latina, da “raça ibérica”, à cultura anglo-saxônica e protestante. Cultura latina e ‘raça ibérica’ – tais haviam sido os conceitos divulgados pelas embaixadas da Espanha nos países hispano-americanos desde 1871, ano da fundação do Instituto da Língua em Bogotá, arraigando os sentimentos da mãe pátria, dona da cultura ibérica.

Os visitantes enigmáticos

Excessivas honras à infanta e ao presidente Montt, ausência do Brasil e da Inglaterra; mas ausência também de países como a Bolívia, e escasso interesse na visita do vice-presidente peruano.

*Después de los festejos, al descender la euforia, el público se enteraría por comentarios periodísticos de que el gobierno había dejado pasar algunos días sin atender al vicepresidente del Perú, Eugenio Larraburu y Unanue, quien viajó con sus hijos en representación de su patria*⁵¹.

Igual desinteresse em relação à Costa Rica e ao Paraguai. A ausência da Bolívia é compreensível se tivermos em conta que entre a Argentina e este país, existiam ainda problemas pela posse do Chaco⁵². Mas também é possível que os

⁵⁰ Centenario Argentino, 1810-1910. *Op. cit.*, pp. 281-344.

⁵¹ *Idem*, p. 121.

⁵² DORATIOTO, Francisco. *Op. cit.*, p. 235.

argentinos não quisessem lembrar as várias derrotas dos exércitos enviados por Buenos Aires ao Alto Peru durante o processo de independência, nem a firme decisão dos patriotas e realistas bolivianos em vincular-se ao mundo andino. Os demais países vizinhos não eram amigos nem inimigos declarados. A Argentina podia prever os passos a seguir na relação política com seu rival, o Brasil, e de agora em diante com seu aliado, o Chile, mas a posição dos diplomatas bolivianos, peruanos, paraguaios ou uruguaios era indefinida. A indiferença argentina obedecia a uma evidência: estes “outros” tinham uma arma poderosa nas suas mãos, a incerteza. “Na melhor das hipóteses, a incerteza é sentida como um desconforto. Na pior das hipóteses, ela provoca uma sensação de perigo”⁵³.

O Peru compareceu, mas era um tradicional inimigo do Chile. O Paraguai estava vivendo um clima de insurreição no meio sociopolítico; enviou uma comissão chefiada pelo ministro da Guerra Albino Jara e o do Interior, Adolfo Riquelme, que aproveitaram a ocasião para aproximar-se dos generais exilados Ferreira e Caballero em busca de um pacto de conciliação promovido pela chancelaria argentina⁵⁴. Meses depois, Albino Jara alcançaria a presidência. Pelo visto, a festa serviu para articular alianças multifacetadas, com a firme presença argentina. Alguns países não tinham poder militar mas eram estranhos. Mesmo que tenham comparecido, a Venezuela, a Colômbia, e o Equador praticamente não são citados nas fontes consultadas. Talvez porque “o estranho solapa a organização espacial do mundo: a coordenação que se busca entre a moral e a proximidade geográfica, a intimidade dos amigos e a distância dos inimigos. O estranho perturba a ressonância entre a distância física e a distância psíquica – ele está fisicamente próximo, enquanto permanece espiritualmente distante”⁵⁵. Colombianos e equatorianos não podiam ser muito bem-vindos na comemoração argentina quando sabido era que, em momentos de grande tensão entre Argentina e Chile, eles haviam sido os maiores aliados do inimigo. O Chile mantinha boas relações com estes países pois existiam tensões entre estes e o Peru por pendências fronteiriças; o Chile seria um dos países privilegiados quando a Colômbia abrisse o Canal do Panamá, esperanças perdidas em 1903. Assim, caso houvesse uma guerra entre Chile e Argentina, a Colômbia e o Equador, com certeza, teriam apoiado o Chile.

Os grandes temas tratados na festa

O tema central do Congresso Pan-americano girou em torno da Doutrina Monroe, discutindo-se se era possível sua aplicação a todos os países da América.

⁵³ BAUMAN, Zygmunt. Modernidade e ambivalência. In FEATHERSTONE, M. (org.). *Cultura Global*. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 159.

⁵⁴ DORATIOTO, Francisco. *Op. cit.*, p. 243

⁵⁵ BAUMAN, Zygmunt. Modernidade e ambivalência. *Op. cit.* p. 162.

Como era de se esperar, houve total oposição a respeito. Os Estados Unidos só foram apoiados pelo Uruguai. Essa rejeição expressava a união dos países latino-americanos e o ressurgimento dos ideais bolivarianos, tal como aconteceria na comemoração do Centenário no Chile e na Colômbia. O delegado dominicano, indignado pelos acontecimentos recentes ocorridos na América Central, propunha “*fundar en París un periódico que proclamando a Hispano-américa para los hispanoamericanos nos trajese a la idea del gran Bolívar y del primer congreso peruano*”⁵⁶. Manuel Ugarte editou em Paris *El porvenir de la América Española*, preocupado com o expansionismo dos Estados Unidos em prejuízo do México que já havia perdido várias províncias, com o quase protetorado sobre Cuba e com o canal que absorvia a América Central; “*nadie sabe ante qué río o ante qué montaña se detendrá el avance del país*”. A única possibilidade de enfrentá-lo seria a unidade latino-americana⁵⁷. Os chanceleres argentinos vinham desde princípios do século contrapondo a Doutrina Drago à Doutrina Monroe. Invocando a agressão feita à Venezuela em 1902, quando a Alemanha, Inglaterra e Itália cobraram o pagamento da suas dívidas pela força das canhoneiras, o Brasil e a Argentina haviam reagido contra a omissão do governo dos Estados Unidos, que em tal situação alegou que a Doutrina Monroe não se aplicava a um país que deixasse de cumprir suas obrigações. A Doutrina Drago não prosperara em razão das difíceis relações entre as duas nações sul-americanas. Já na Conferência de Haia, em 1907, o representante brasileiro Rui Barbosa manifestou o desejo de que os países latino-americanos e os países pequenos da Europa se organizassem como países iguais entre as nações “grandes”, perante a lei⁵⁸. No Congresso Pan-americano de 1910, a Argentina preferiu aguardar uma ocasião mais propícia para o entendimento com o Brasil. Os Estados Unidos representavam perigo para as nações mais fracas e instáveis; mas, no centenário, os argentinos, ao contrário da Colômbia e do Chile, pensavam que o país, com seu poderio, não tinha muito que se preocupar, considerando que seu pertencimento à América Latina era um mero acidente geográfico. O país era europeu embora estivesse situado do outro lado do Atlântico⁵⁹. O sistema econômico argentino beneficiava naquele momento a todos, “*la abundancia era tal, que las migajas que caían de la mesa del festín de las exportaciones no dejaban de ser sabrosas, sino siempre suficientes*”⁶⁰.

Assim, a nação programada pelos homens da Geração dos Oitenta chegara ao limite de um processo histórico em todas as suas facetas. Estavam demonstrados ao mundo avanços na medicina, na química, eletricidade, física,

⁵⁶ *Caras y Caretas* año XIII, nº 617, 30.7.1910.

⁵⁷ SALAS, Horacio. *Op. cit.*, p. 305.

⁵⁸ DE ARAGÃO E FROTA, Lucíara Silveira. *Brasil-Argentina, divergências & convergências*. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1991, p. 49-53.

⁵⁹ SALAS, Horacio. *Op. cit.*, p. 305-306.

⁶⁰ CÁRDENAS, Eduardo J. & PAYA, Carlos M. *Op. cit.*, p. 299.

engenharia, nas armas de guerra, na reprodução de melhores sementes e exploração extensiva da agricultura; estava criado um sistema educativo estatal ideologicamente liberal; as vantagens do automóvel já estavam sendo desfrutadas em Buenos Aires. Na Exposição Universal se exibiram aparelhos tecnologicamente avançados, as santiaguinas mostraram os últimos figurinos trazidos da França; as mulheres deram a conhecer seus sentimentos e preocupações acerca do mundo. Discutiu-se a Doutrina Monroe, o Prussianismo, o Socialismo. O principal orador que se dedicou a este tema, Enrico Ferri, declarou que o socialismo deveria se desenvolver em países com profundas raízes industriais; o industrialismo criaria as condições do socialismo; assim, tal ideologia, na Argentina, não passava de um transplante⁶¹.

Com o centenário, no mundo inteiro se falou da Argentina, de seus costumes, da sua imagem. Foram escritos numerosos livros, crônicas, folhetos sobre as riquezas e encantos do país, por estrangeiros e nacionais, em muitas línguas. Se antes de 1910 a Europa tinha apenas uma vaga idéia sobre o país, considerado exótico, com vantagens sim, mas demasiado distante e selvagem, agora o tom era outro. Um dos convidados europeus chamou a atenção do orgulhoso Velho Mundo: *“cesa de admirarte, en el mundo hay algo más que tú. Mira por encima del océano y contemplarás los fulgores del alba de un nuevo día que empieza, los primeros esfuerzos de la humanidad del mañana, los vigorosos latidos del embrión del porvenir”*⁶².

Entretanto, não se tratava de difundir apenas costumes e grandezas do país austral, era preciso principalmente divulgar a imagem da *Argentinidad* frente ao cosmopolitismo e frente aos Estados Unidos, o perigo do Norte. Assim se compreende a luta infatigável por estabelecer boas relações e afiançar raízes com a Espanha, a Alemanha e mesmo com o Chile, países brancos, diferentes culturalmente dos anglo-saxões, mas também distintos da Bolívia, do Peru, do Paraguai, nações índias. A festa permitia demonstrar aos imigrantes anarquistas e socialistas, que a elite argentina descendia de heróis da independência, da guerra contra o Paraguai e das Campanhas do Deserto. Nos desfiles do centenário reservaram-se palcos e sacadas especiais para os veteranos dessas guerras ou para seus herdeiros. No dia 23 de maio, várias entidades organizaram uma manifestação de patriotismo pelas avenidas de Buenos Aires; aí estavam

los veteranos de la guerra del Paraguay con el uniforme de gala y el pecho cubierto de medallas (...) Los expedicionarios al Desierto se han reunido en un grupo compacto. Todos ellos desfilan entre vivas a la patria, a la revolución de Mayo y a los próceres de la Independencia. Tampoco faltan vivas (...) a España y a la infanta Isabel⁶³.

⁶¹ SALAS, Horacio. *Op. cit.*, p. 191.

⁶² BLASCO IBÁÑEZ, Vicente. *Argentina y sus grandezas*. Madrid: La Editorial Española Americana, 1910, p. 93.

⁶³ SALAS, Horacio. *Op. cit.*, p. 135.

Não era uma simples manifestação patriótica; esta era uma resposta clara aos grevistas, ao anarquismo, ao socialismo e às demais correntes sindicalistas. A argentinidade se criava mesclada com uma ideologia política bem definida. Segundo José Luis Romero,

*la celebración del Centenario forzó las posiciones frente a la realidad nacional. Se afianzaron en sus convicciones quienes a la luz de severo análisis, renegaban de las tradiciones hispano-criollas, y siguieron esperándolo todo del ejemplo anglosajón; se robustecieron en sus ideas los que tenían la influencia del cosmopolitismo y propiciaron una política de decidida absorción de la población de origen extraño; y no faltaron quienes cerraron los ojos a todo examen y se dejaron ganar por un optimismo fácil y un conformismo superficial, que derivaron en formas groseras de patriotismo muy a tono con las formas externas del regocijo oficial propio de la fecha*⁶⁴.

Os organizadores dos regozijos oficiais exibiram quantos uniformes, medalhas e demais elementos pertencentes aos heróis da Independência pudessem encontrar. O Parlamento programou a construção de vários lugares de memória: dez estátuas em várias cidades do país e de dois monumentos. Reproduziram-se vários documentos da época da emancipação, e se editaram livros dos mais importantes heróis. Todo isto demonstraria de onde provinha a elite argentina, quais seus ascendentes, suas raízes, qual a *Argentinidad* a implantar no país e divulgar ao mundo. A construção da *Argentinidad* não apenas reforçaria as relações internacionais, também fortaleceria o nacionalismo e o respeito às instituições⁶⁵.

*Recebido em 24 de abril de 2006
Aprovado em 5 de junho de 2006*

Resumo

Neste artigo mostraremos como as elites de Buenos Aires comemoraram cem anos de Independência em 1910; a forma como aproveitaram a festa para colocar em andamento suas alianças com Europa, Estados Unidos e Chile, e rivalidades com países que

⁶⁴ ROMERO, José Luis. *El desarrollo de las ideas en la sociedad argentina del siglo XX*. México-Buenos Aires: F.C.E., 1965, p. 65

⁶⁵ Em 1919 BELTRÁN, Juan G. publicou *La Argentinidad, sus orígenes y sus características más resaltantes*. Destaca, entre os elementos mais importantes da argentinidade a língua latina como a mais importante língua do futuro, que haveria de substituir as línguas mais difundidas na época. Define Pátria Argentina como uma sociedade fundida em um solidário sentimento e em análogas formas de pensar, de proceder, de mover-se e de buscar um mesmo fim pessoal e coletivo. “*La Patria es la armonía y la concordia de todos sus habitantes, mancomunados por el afecto y el recíproco respeto; a su amparo la libertad germina lozana y nadie estorba a nadie*”. O patriotismo consistia em amar, honrar e servir à pátria. As inspirações do patriotismo e da cultura haviam triunfado sobre a anarquia, sobre as violências e as opressões; o ar saudável da democracia tudo penetrava e vivificava.

consideravam um perigo constante, como Brasil e outros que, embora não perigosos, se apresentavam como enigmáticos.

Abstract

In this article we will show how a elites of Buenos Aires had commemorated the century of independent in 1910; the way as they took advantage the party to put in progress it's alliances with Europe, E.E.U.U. and Chile, and rivalries with countries that considered a constant danger, as Brazil and others that, even only not dangerous, were presented as enigmatic.

Palavras-chave: Relações internacionais, primeiro Centenário da Independência, Argentina, Chile.

Key words: International relations, the first Centenary Independence, Argentina, Chile.